

## EDITORIAL

Com esse número que o leitor tem em mãos, o segundo do ano de 2005, *Sæculum* inicia uma nova década. São mais de dez anos de luta para manter viva uma revista de História que, antes despreziosa, amadureceu para se tornar o “patrimônio mental” do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Na verdade, o ano que agora se finda foi de efemérides para a comunidade estadual: os 50 anos da UFPB (1955-2005) e os 25 anos do Departamento de História (1980-2005) foram, para nós, historiadores da casa, evocados com o ingresso da primeira turma do Programa de Pós-Graduação cuja área de concentração, *História e Cultura Histórica*, apenas começa uma duração não menos longeva.

Nos onze artigos publicados nesse número as pesquisas abrangem vários temas. Ana Teresa Marques Gonçalves analisa batalhas travadas entre romanos e partos ao longo da República e do Principado. Raimundo Agnelo Soares Pessoa aborda o tratamento dado ao escravo negro nos primeiros escritos coloniais. Roberto da Silva Ribeiro analisa o discurso religioso do século XVII a partir do Catecismo Kiriri, do Padre Mamiani. Edneila Rodrigues Chaves discute as revoluções da modernidade numa aproximação com os conceitos de Hannah Arendt. Flávio José Gomes Cabral demonstra o nexos das manifestações públicas em Pernambuco e os anos finais do Antigo Regime português. Rafael Rodrigo Ruela Souza trabalha com autobiografia escrita pelo Visconde de Mauá, tendo como foco o texto e o contexto da obra memorialística. Simone Rocha analisa a consolidação do discurso da esquerda estudantil pernambucana logo após o golpe dos militares. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti discute o papel da imprensa nacional e internacional na delicada questão do tráfico de mulheres brasileiras numa temporalidade ainda em curso. José Ricardo Oriá Fernandes, num artigo com duplo objetivo, além de mostrar o papel exercido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na constituição da disciplina História, também coloca a questão das pesquisas sobre o livro didático no Brasil a partir dos aportes teóricos da História Cultural e da história da Educação. Marcio Pizarro Noronha trata da confrontação entre Estética e Filosofia da Arte, temas e termos formulados por Kant e Hegel que se tornaram importantes para os campos da História e Teoria da Arte. José D’Assunção Barros se posiciona criticamente em relação aos usos da temporalidade na escrita da História, especialmente a representação do tempo e a sucessão de eventos. Por último, Carla Mary S. Oliveira assina a resenha sobre *Imagem e persuasão*, clássico de Giulio Carlo Argan - autor que se insere entre os maiores historiadores da Arte Moderna - recentemente traduzido para o português.

Como historiadores sentimo-nos capazes de enfrentar mais uma década em torno dos ofícios de Clio e das esperanças da nova geração. O entusiasmo do primeiro número ainda campeia os espíritos, pois “que a vida é sempre retomada, é tempo, é *Sæculum*”.

